

## EDUCAÇÃO PÚBLICA X EDUCAÇÃO PRIVADA: AS PRÁTICAS ESCOLARES NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM COLÉGIOS DO MUNICÍPIO DE POÇÕES, BAHIA

*Lucas Andrade de Araújo*  
Faculdade de Venda Nova do Imigrante

*Rafael Gomes Silva*  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** Com o objetivo de elucidar como o ensino de Geografia é praticado na educação pública e privada em Poções, na Bahia, este artigo traz discussões teóricas de escritores da educação e dados da educação, mais especificamente a básica brasileira, onde a partir de entrevistas com educadoras desses dois modos de ensino, observamos suas dessemelhanças e semelhanças. Realizada em um colégio particular e um público estadual da rede de ensino básico, são mostradas as nuances de se ensinar Geografia em um município do interior da Bahia. App final do trabalho, são oferecidas maneiras de como melhorar ou simplesmente realizar o ensino dessa ciência da melhor forma possível. São trazidos teóricos, tanto da geografia como da educação em geral que nos auxilia a realizar a prática do ensino- aprendizagem da melhor forma possível, independentemente da sua realidade escolar, ou utilizando dos recursos que se tem, para se fazer um melhor trabalho possível.

**Palavras chave:** Educação(ções). Ensino de Geografia. Práticas Escolares.

### Introdução

O presente artigo é resultado do trabalho de pesquisa realizado pelos discentes Lucas Andrade de Araújo e Rafael Gomes Silva na disciplina Metodologia e Prática do Ensino de Geografia I, ministrada pela professora doutora Adriana David Ferreira Gusmão, no III semestre do período letivo de 2017.1 no curso de licenciatura em Geografia do departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, na Bahia.

O objetivo era identificar como as práticas escolares para o ensino da Geografia eram feitas, destacando as diferenças presentes entre as escolas públicas e escolas privadas. Foram realizadas entrevistas e visitas ao Colégio Estadual Isaías Alves (CEIA) e ao Instituto Educacional Cecília Meireles (IECEM), sendo o primeiro pertencente à rede pública e o segundo à privada. As professoras de Geografia Valdelice de Jesus Farias (CEIA) e Jussara Meira Rocha (IECEM), concederam entrevistas onde responderam um questionário com

dezenove perguntas acerca do ensino de Geografia, da estrutura disponível em cada colégio, práticas educativas, dentre outras questões e assuntos.

Como embasamento teórico foram utilizados autores, como Nunes (2011)<sup>1</sup>, Schirmann (2019)<sup>2</sup>, Cavalcanti (2010)<sup>3</sup>, dentre outros, que forneceram importantes contribuições sobre o processo ensino-aprendizagem. Nunes (2011), por exemplo, organizadora do livro “Ensino de Geografia: Novos Olhares e Práticas” sintetiza os métodos e as práticas do ensino de Geografia a partir de outros autores, cada um com a sua concepção e metodologia de modo que essas sejam utilizadas em das situações e realidades em que os professores se encontrem.

E Piaget *apud* Schirmann (2019), em que ele propõe que o ensino deve ser aplicado de acordo ao grau de desenvolvimento da criança, sendo que cada uma tem o seu tempo, devendo respeitar isso. Isso será observado nos relatos das profissionais entrevistadas em que elas falam dos diferentes modos de se trabalhar com crianças e adolescentes de acordo a idade e série escolar em que se encontram.

## Metodologia

Com a importância de adquirir experiência e conhecimento a respeito das metodologias e práticas aplicadas no ensino de Geografia nas escolas e visto a relevância das opiniões dos professores, assim como a visão dos alunos a respeito da ciência geográfica, é necessário analisar estas opiniões, no qual foram realizadas por meio de entrevistas com professores, visando às diferenças das estruturas da rede pública e da rede privada da mesma maneira que as metodologias podem ser aplicadas diferentemente por cada professor.

Na qual uma professora da escola pública traz seus argumentos e caracterizações do seu modo de ensino, bem como uma professora da rede privada traz suas concepções e metodologias aplicadas no ensino da Geografia. São relatadas também as dificuldades encontradas pelos professores no ensino, seja pelo fato da infraestrutura escolar muitas vezes ser precária ou devido à falta de interesse de alguns alunos pela Geografia. Mesmo com

<sup>1</sup> NUNES, Flaviana Gasparotti, (Organizadora). Ensino de Geografia: Novos Olhares e Práticas. Dourados; UFGD, 2011.

<sup>2</sup> SCHIRMANN, Jeisy Keli; MIRANDA, Neiva Guimarães; GOMES, Valdilea Fabricio; ZARTH, Evani Luiza Fiori. Fases de Desenvolvimento Humano Segundo Jean Piaget. In: VI CONEDU VI Congresso Nacional de Educação. Fortaleza, 2019.

<sup>3</sup> CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, 2010.

dificuldades os professores buscam metodologias que integrem os alunos nessa ciência e que os mesmos desperte interesse em buscar o conhecimento e entendimento da ciência geográfica.

Portanto, com as entrevistas realizadas são percebidas as descrições dos professores a respeito do ensino da geografia, suas metodologias aplicadas e suas estratégias utilizadas para a transmissão do conhecimento geográfico. Visto que essas entrevistas foram realizadas no ambiente escolar, traz uma concepção e percepção desse ambiente, em que podemos observar a realidade escolar e adquirir experiências e entender como se dá o processo do ensino da geografia.

O Colégio Estadual Isaias Alves localizado no bairro Centro da cidade de Poções/BA destinado apenas ao ensino médio, funcionado nos três turnos e com salas cheias traz um espaço escolar com 06 salas de aulas, 01 sala de vídeo, uma quadra de esportes no qual ainda permanece sem a conclusão o que afeta algumas atividades escolares, o local também tem lugares básicos como, a secretaria, diretoria, sala dos professores, cantina, uma pequena biblioteca, e sanitários.

Outro local visitado e observado foi uma escola da rede privada o Instituto Educacional Cecilia Meireles, ou IECEM como é conhecido na cidade. Esse local se encontra no bairro Santa Rita no município de Poções/BA. Esse local escolar se caracteriza com várias salas de aulas que variam de séries do 6º ano do ensino fundamental ao ensino médio, distribuídos nos turnos diurnos. Nessa escola tem também salas destinadas a respectivas disciplinas como uma sala de artes, um laboratório de tecnologia, entre outros. No IECEM diferente do Isaias Alves se encontra uma quadra de esporte bem estruturada e coberta. A escola disponibiliza também portais digitais que facilitam o aprendizado dos alunos. O local possui a secretaria, diretoria, sala dos professores, cantina, uma biblioteca, sala de vídeo e sanitários.

Visto que um local é da rede pública e outro da rede privada ambos são espaços escolares reconhecidos e requisitados pela população.

### **Público x privado: um levantamento do quantitativo de alunos no ano de 2016 no Brasil**

A maior parte dos estudantes da educação básica no Brasil está matriculada na rede pública de ensino, segundo à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad



2016), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo dados da pesquisa, 73,5% dos alunos matriculados em escolas ou creches, se encontravam na rede pública de ensino, enquanto 26,5% pertenciam à rede privada, é o que mostra a reportagem do portal de notícias Agência Brasil<sup>4</sup>:

Em 2016, a taxa de escolarização das crianças de 0 a 3 anos (creche) de alcançou 30,4% (3,1 milhões) das quais 69,1% delas estavam na rede pública e 30,9%, na rede privada. A meta 1 do Plano Nacional de Educação (PNE), lei sancionada em 2014, prevê que, no mínimo, 50% das crianças até 3 anos frequentem creche até 2024.

A meta 1 do PNE também estabelece a universalização da educação infantil na pré-escola até 2016, entretanto, o percentual de escolarização das crianças de 4 a 5 anos chegou a 90,2%, com 4,8 milhões de estudantes, no ano passado.

No ensino fundamental (idade entre 6 a 14 anos), a educação é considerada praticamente universalizada, com 99,2% de escolarização, totalizando 26,5 milhões de estudantes.

No ensino médio (15 a 17 anos), a taxa de escolarização cai para 87,2%, o equivalente a 9,3 milhões de alunos. No entanto, a meta 3 do PNE determinava a universalização do atendimento escolar para essa faixa etária em 2016. (Ensino básico tem 73,5% dos alunos em escolas públicas, diz IBGE. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/amp/s/agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-12/ensino-basico-tem-735-dos-alunos-em-escolas-publicas-diz-ibge%3famp>>. Acesso em: 05 mar 2021).

É interessante observar que apenas no nível superior, essa situação pra se inverter, onde as faculdades e universidades privadas abarcam grande número - ou talvez até um maior número - de estudantes matriculados.

### **Praticando o ensino de geografia nas escolas públicas e privadas: resultados e discussões**

Neste subtópico iremos mostrar como os professores praticam o ensino da Geografia de acordo às condições dispostas para esses, principalmente as presentes nas escolas públicas e privadas. São inúmeras as nuances que proporcionam o tipo de prática de ensino que o professor irá utilizar nas ministração de suas aulas, como Cavalcanti (2010) descreve:

Em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula, desistindo de experimentar caminhos novos.

<sup>4</sup> Ensino básico tem 73,5% dos alunos em escolas públicas, diz IBGE. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-12/ensino-basico-tem-735-dos-alunos-em-escolas-publicas-diz-ibge%3famp>>. Acesso em: 05 mar 2021.

Entretanto, outros realizam o processo de ensino para se obter uma aprendizagem dos alunos de forma mais “inovadora”, tentando transformar a realidade mais ampla ao seu redor, relacionando constantemente assuntos observados em sala de aula com seu coreano vivido (Cavalcanti, 2010).

As professoras Valdelice e Jussara, cada uma na sua vivência cotidiana em sala de aula, sendo uma estando lecionando na rede pública e outra na rede privada, nos demonstrou possibilidades e desafios presentes em seus ambientes de trabalho para se ensinar a Geografia.

### 1. Recursos didáticos presentes nas escolas

Dentre os recursos didáticos que a escola disponibiliza, e quais dos mencionados a professora Jussara no colégio particular IECEM, mais utiliza, esta respondeu que a escola disponibiliza de *Datashow* em uma sala apropriada, com cadeiras de braço que às vezes facilita as aulas serem ministradas, sendo esse um dos recursos que ela mais utiliza. Porém, eles ainda têm a biblioteca que pode ser utilizada também, o falo móvel em que nós levamos para as salas e a escola está instalando naquele momento da entrevista um roteador em cada sala com acesso à internet para que os professores possam utilizar o próprio computador, aproveitando a parceria com o portal Moderna, que é um portal ao qual os alunos têm acesso, em que os professores colocamos as atividades para esses responderem com um livro digital e interativo, aproveitando já que eles gostam bastante desses meios digitais<sup>5</sup>.

Em comparação, fizemos a mesma pergunta para a professora Valdelice<sup>6</sup>, da rede de ensino público, a seguir vemos sua resposta:

Eu utilizo desde os recursos tradicionais como o quadro e recursos tecnológicos que de audiovisuais, normalmente eu utilizo muito os celulares porque eu mando atividades e textos para as redes sociais, como grupos no *WhatsApp*. É uma coisa que a escola tenta proibir o uso do celular, mas é algo que se utilizado de forma adequada pode trazer benefícios. Às vezes os alunos não tem o texto impresso e com o celular eles podem ler na tela do celular. As vezes utilizamos a quadra da escola para produzir de forma mais leve. Utilizo muitos filmes e documentários para que eles percebam que tem filmes que podem trazer uma aula de história, geografia, ou seja, serve muito para a discussão. A dificuldade é que a escola só tem uma sala de vídeo o que dificulta a utilização desse serviço (FARIAS, 2017).

As escolas apresentaram condições parecidas e complementares na questão de infraestrutura para a realização das aulas, um aspecto que ficou em falta no colégio público

<sup>5</sup> ROCHA, Jussara Meira. Entrevista concedida a Lucas Andrade de Araújo. Poções, 5 set. 2017.

<sup>6</sup> FARIAS, Valdelice de Jesus. Entrevista concedida a Lucas Andrade de Araújo. Poções, 8 set. 2017.

foi a sala de vídeo específica, porém, dentre os outros meios de se ministrar as aulas, os colégios foram concomitantes no que diz respeito a presença de meios para a realização dessas.

Sabemos que a infraestrutura da escola bem como o conjunto de organização nos quesitos de administração ou organização educacional deve andar em conjunto para que se possa haver um bom relacionamento social e produzir-se esplendidamente. A respeito de como a escola se encontra, visto que essas são administradas e organização por setores diferentes (público e privado), queríamos saber como a escola se encontrava, proporcionando meios propícios para ser realizar as práticas escolares e para falar sobre as condições de trabalho, as professoras responderam que:

Nós temos uma estrutura muito boa, claro que sempre tem alguma coisa para melhorar, mas é muito boa. Tivemos a comemoração dos vinte e cinco anos da escola, e mudou bastante de como ela era até agora. Nós temos sala de vídeo, laboratório de ciências, só estamos um pouco atrasados no laboratório de informática porque hoje da forma que a tecnologia vai avançando, eles já estão um pouco defasados, temos a biblioteca, agora está sendo instalada a internet nas salas, adquirimos cadeiras novas esse ano, quadra coberta, uma sala separada só para a disciplina de artes, porque ela sujava a sala toda, tem uma sala de jogos mas esta interditada porque foi entregue ao grêmio da escola e esta com algumas coisas quebradas e o grêmio está resolvendo. [Acerca das condições de trabalho] Eu gosto muito. Você tem estrutura, você vai fazer uma aula de campo sempre é bem respondido quanto a isso, o diretor gosta muito que a gente sempre faz, providencia as coisas.

Quando tem aula de campo os alunos arcam com os custos referentes ao transporte (ROCHA, 2017).

Temos reuniões periódicas para discutirmos nossas práticas com outros colegas, é um ambiente muito bom de se trabalhar, minha maior dificuldade mesmo fica com interesse dos alunos, nós sempre pensamos neles, se pensamos na quadra, em toda a estrutura tentando fazer o melhor para eles.

Eu gosto muito de trabalhar aqui por ter esse apoio, eu sei o quanto é importante quando chego em outra escola e vejo a diferença de você não ter toda essa estrutura e dificultar muito o trabalho, às vezes não se tem o livro didático para todos os alunos, você não tem o apoio tecnológico, internet, dificultando bastante apesar de nós irmos tentando. Nós valorizamos muito quando a escola busca dar esses recursos a você (ROCHA, 2017).

Em contraste ao que foi dito pela professora Jussara sobre a estrutura de escola e sobre suas condições de trabalho no Instituto Cecília Meireles, a professora Valdelice – Colégio Isafas Alves – disse que em termos de recursos humanos, a escola tem uma equipe de profissionais boa, entretanto, apresenta uma defasagem de estrutura física, com apenas 06

salas de aula, turmas com grandes números de alunos devido a falta de mais salas, as limitações que o próprio estado oferece que não podem abrir turmas, dentre essas:

[As limitações de que salas] com menos de 30 alunos se não chegar a 60 alunos para fazer duas turmas tem que ficar com uma turma só com 50 alunos. A estrutura da escola falta cadeiras, os quadros mancham facilmente, falta papel, falta tinta, falta aquilo. As vezes você pretende utilizar a sala de vídeo e já tem outro professor usando. E isso pesa no desempenho do aluno e precisa melhorar. Mas na equipe a escola não deixa a desejar temos professores com mestrados e doutorados têm um grupo bom, no entanto a estrutura física não se encontra em boas condições.

Semelhante à resposta anterior [a respeito das condições de trabalho] temos dificuldades de trabalho devido aos fatores de recursos mesmo, o que faz perdemos muito tempo. Acho que temos uma carga horária muito grande o que não permite ter uma preparação melhor para o planejamento, e até para os professores se prepararem mais com cursos de especializações e as condições de trabalho se definem nisso. Às vezes tem professores que trazem problemas de fora para dentro da escola o que traz pesos nas relações do trabalho (FARIAS, 2017).

Devemos cobrar dos governos estaduais, municipais e federal melhorias no ambiente escolar público, pois este espaço deve ser propício para serem realizadas atividades que contribuam para o ensino/aprendizagem do aluno e do professor.

## **2. Praticando o ensino de Geografia: estratégias e metodologias**

Na conclusão de sua obra “A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas”, Cavalcanti (2010) traz resultados desta pesquisa onde ela demonstra que os professores de Geografia vêm inovando no processo de ensino na educação básica, dentre seus relatos, está descrito que:

Tomando como base alguns indícios [...] [dos resultados da pesquisa] percebe-se que muitos professores têm procurado ser inovadores, variando métodos, procedimentos e linguagens, desenvolvendo aulas em espaços não convencionais, praticando a interdisciplinaridade, utilizando diferentes recursos de forma mais contextualizada com o mundo do aluno, superando o formalismo e a abordagem excessivamente teórica. As inovações se manifestam também na prática de avaliações mais qualitativas e formativas e na busca de um relacionamento mais negociado e dialógico com os alunos, bem como na busca de formação continuada e de melhores condições de trabalho. Essas práticas têm se nutrido, entre outras referências, das indicações pedagógico-didáticas produzidas na academia, como as salientadas no texto. Pode-se dizer, portanto, que houve avanços no entendimento e no encaminhamento dos processos de ensino da disciplina.

Observando esses aspectos dispostos pela escritora, também foram observados nos relatos das professoras Jussara e Valdelice, das escolas privada e pública, onde elas discorreram sobre as estratégias e metodologias utilizadas nas práticas das aulas, utilizando-se

dos conhecimentos particulares e das estruturas existentes em casa localidade de trabalho respectivamente.

A professora Jussara relatou que sempre gosta de trabalhar com imagens com seus alunos, sempre valorizando o conhecimento prévio do estudante e sempre relacionando os assuntos ao conhecimento do cotidiano desses, foi relatado, por exemplo, uma aula onde se discutiam assuntos de Hidrografia com os alunos, onde:

[...] conversando sobre rios em que apliquei uma questão que dizia: explique o que é um rio e cite exemplos de rios que você conhece, e os meninos deram um exemplo “rio Nilo professora!” e eu perguntei você já foi ao rio Nilo?, eu pedi para dar exemplos de rios que você conhece e outro foi colocando “tal’ rio professora que eu já fui”, já tentando trazer esses assuntos para a realidade deles (ROCHA, 2015).

Logo, a professora Valdelice relatou que a realização de alguns tipos de metodologias não são possíveis devido à falta de recursos, entanto, ela sempre está buscando relacionar o assunto à realidade dos estudantes para que o processo de aprendizagem seja prazeroso, fazendo com que esse se sintam atraídos. Perto fato que causa dificuldade na realização de atividades por metodologias inovadoras é grande número de estudantes distribuídos nas turmas (FARIAS, 2017).

As soluções encontradas são a realização de estudos de textos e estudos dirigidos, como também a realização de viagens de campo para outras cidades da região da cidade de Poções.

Outro ponto discutido foi a frequência que as educadoras conseguem realizar o planejamento das aulas e com qual frequência este planejamento é feito. As respostas respectivamente foram:

Nós fazemos o planejamento anual na semana pedagógica, e depois eu faço os semanais em casa mesmo. Depende muito porque às vezes nós não conseguimos cumprir, por causa do tempo, aqui nós não temos problema se não teve aula em determinado dia porque depois sempre é repostado e algumas vezes pelo próprio andamento da turma. No 6º ano mesmo eu estou com todos os conteúdos atrasados, é uma turma de 38 alunos e eles são muito inquietos e estou demorando muito mais tempo com a ministração do conteúdo do que a quatro ou cinco anos atrás com outras turmas. Estou vendo a possibilidade de jogar algumas coisas para o início do próximo ano. Apesar deles já terem visto esse conteúdo no fundamental I, sendo agora uma espécie de revisão (ROCHA, 2017).

Semanalmente, tem as atividades complementares que realizamos semanalmente, geralmente o planejamento é realizado com professores da mesma área, como humanas, por exemplo. Nem sempre o planejamento sai como previsto, mas agora realizamos o planejamento por unidade e por ano como era feito no projeto pedagógico (FARIAS, 2017).

Foi observado que o planejamento é similar nós dos colégios, o que varia mesmo é o andamento das turmas, agora se tratando os métodos avaliativos – mais ainda - se esses dão bons frutos e se o que estava planejado é realmente cumprido as professoras disseram que:

Testes. A gente sempre utiliza isso aqui na escola, pois o sistema é esse porque se você não treina os alunos assim dessa forma é complicado, pois eles têm que fazer ENEM, vestibular. O diretor da escola conversa com nós professores aconselhando a gente sempre se inovar, ele é bem “pra frente”, gosta de pensar com a cabeça dos meninos. Isso inclui provas, trabalhos, seminários, principalmente em turmas mais avançadas como o 9º ano eu gosto de trabalhar com seminários, para eles já terem essa noção para ir para o ensino médio, resenhas de filme, eu gosto muito de passar filmes relacionados ao assunto trabalhado. Com os alunos mais novos gosto de trabalhar com maquetes, cartazes, a disciplina Identidade e cultura nos permite trabalhar com teatro, paródia, poesia, tudo isso para incentivá-los além da arte, cooperação, trabalho em grupo. Algumas vezes eu aplico teste oral, mas por conta do tempo da aula às vezes não é permitido (ROCHA, 2017). Utilizo muito as avaliações objetivas e subjetivas, mais objetivas porque a gente realiza avaliações com padrões do ENEM com avaliações interdisciplinares. Tem avaliações correntes que cada professor realiza a sua e no final soma com a interdisciplinar. Temos também as avaliações parciais como caderno, produção de texto, leituras de filmes, debates, seminários. Para dar a chance dos alunos adquirirem uma nota de várias formas (FARIAS, 2017).

Todas essas programações são revistas em caderneta, esse planejamento quase sempre ocorre de acordo ao Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada escola, os projetos são criados batendo-se em leis educacionais nacionais, mas visando sempre a autonomia da escola de acordo à sua realidade (SILVA *et al.*, 2019)<sup>7</sup>, se o que estava planejado em caderneta é cumprido, é dito que:

Sim. Nós sempre registramos lá o que foi realizado diariamente, geralmente eu faço por semana porque se for pra fazer diariamente na aula, por exemplo, toma um certo tempo (ROCHA, 2017). Normalmente sim, mas muitas vezes a gente nem consegue colocar tudo que trabalha em sala de aula na caderneta, às vezes a gente pretende trabalhar muita coisa e não da conta depende muito de como a turma vai está naquele dia, às vezes planejamos algo mais chega na hora não da certo. Há dias que a uma participação dos alunos e a aula é bem produtiva. Nem sempre é possível executar o que foi planejado (FARIAS, 2017).

<sup>7</sup> SILVA, Rafael Gomes; AMORIM, Háila Cunha; RIBEIRO, Sidney Lauton; BARROS, Virna Santos. A Valorização do Magistério: Formação Inicial e Continuada no Centro Integrado de Educação Navarro de Brito em Vitória da Conquista-BA. VII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional. Vitória da Conquista. Vol. 7, Nº 7, p. 1608-1618, maio, 2019.

Sendo assim, ambas profissionais estão atentas ao cumprimento do planejamento pedagógico proposto pela escola, no qual realizam adaptações e modificações necessárias de acordo com as situações e vivências escolares. Desse modo, as professoras estão sempre procurando por diferentes tipos de metodologias e estratégias que favoreçam o ensino/aprendizagem dos alunos, no qual as regentes ficam atentas a realidade vivenciada pelos alunos e pela escola para que possam ser desenvolvidas estratégias eficazes para a construção do conhecimento, visto que cada escola possui sua realidade e cabe aos professores realizar as adaptações necessárias em cada situação contribuindo assim para o ensino, sempre atentos ao planejamento e a projeto político pedagógico, seja para diferentes disciplinas ministradas.

No caso específico da Geografia, ainda é possível a utilização de metodologias voltadas a vivência dos alunos, que se torna fundamental na explicação e exemplificação de diferentes conteúdos, é fazer o aluno se identificar com o tema proposto por meio de sua realidade vivenciada, assim como a prática da interpretação do espaço geográfico mediante a utilização da categoria geográfica do Lugar. Seja na rede privada seja na rede pública, é visto o comprometimento dos profissionais da educação para proporcionar o ensino/aprendizagem mesmo com as diferenças e dificuldades que ambos ambientes podem possibilitar.

### **3. Dificuldades encontradas no decorrer das aulas e interesse e visão dos alunos sobre o estudo da Geografia**

Acerca dos questionamentos de quais dificuldades as professoras encontram cada uma em seu espaço de trabalho, usufruindo dos recursos que lhes são disponibilizados, as educadoras dizem que:

Vejo que hoje, a dificuldade pra mim e para meus colegas é a questão da indisciplina, muito barulho na sala, ocasionando às vezes você nem poder concluir a proposta que fez e o interesse, sendo um desafio despertar o interesse dele, – do aluno – principalmente em geografia. Muitas vezes você chega com disciplina de geografia e os meninos “ah de geografia eu não gosto ‘tia’”, é muito raro encontrar alunos que gostam da disciplina de geografia, e eu pergunto o porquê de não gostarem e eles falam “ah geografia tem muito mapa”, sim gente, mas os mapas nos ajudam não nos atrapalham, imaginem se vocês tivessem que ficar pensando tudo na sua cabeça, onde está um determinado lugar, o mapa lhe orienta, lhe ajuda e não atrapalha, você não pode ter o mapa como um inimigo.

Eu dei um mapa para o 9º ano esses dias, para eles fazerem a divisão regional da Ásia porque não veio no livro, pois às vezes vem questões no

vestibular pedindo para falar, por exemplo, da Ásia Central, e algumas coisas não vieram no livro, então como você vai saber. E os alunos “ah professora você vem com esse ‘negócio’ de pintar mapa, de separar coisas no mapa” e eu falei que é importante fazer isso, por mais que pareça uma coisa de “criancinha” você ir procurar no mapa os países para regionalizar, mas é uma coisa necessária (ROCHA, 2017).

Salas lotadas são a principal dificuldade e também salas muito mescladas quem tem alunos novos e alunos de 40, 50 anos, então você necessariamente utilizar vários tipos de linguagens. Outro fator predominante são as estruturas familiares, alguns alunos chegam à escola com vários problemas familiares, a gente acaba absorvendo isso. Às vezes a escola não consegue resolver casos o que faz a escola a percorrer a órgãos como o conselho tutelar. A gente acaba sendo psicólogo, enfermeiro em alguns momentos. Muitas vezes eles ver o professor como uma pessoa que eles podem desabafar então a gente tem que absorver essa carga e tentar fazer o possível para ajudar (FARIAS, 2017).

A falta de interesse dos alunos e a indisciplina são fatores recorrentes que ocasiona uma barreira para o desenvolvimento da prática pedagógica, visto que os conteúdos acabam sendo vistos como desnecessários por parte dos alunos e que de fato os prejudicam. Na Geografia, são muito recorrentes as dificuldades com temas cartográficos o que podem favorecer que os alunos sintam desmotivados com a ciência geográfica. Essas dificuldades já vem sendo formadas desde séries anteriores, devido a falta de uma alfabetização cartográfica que estimule e integre os conhecimentos da Geografia em um constante processo de aprendizagem.

As dificuldades relacionadas às estruturas físicas das escolas também são determinantes, visto que principalmente na escola pública a um número de alunos muito maior por turma, juntamente com as condições das salas de aula que nem sempre se encontram com adequações eficientes, como por exemplo, a falta de um ventilador ou ar condicionado em dias muito quentes, as condições das cadeiras e mesas, a falta de laboratórios e equipamentos digitais que principalmente a Geografia utiliza desse meio para o desenvolvimento de exemplificações dos conteúdos, como o uso de software de geotecnologias para que os alunos possam ter acesso diretamente com mapas digitais compreendendo e interpretando, a disputa por utilização da sala de vídeo que geralmente nas escolas públicas tem apenas uma para todos os professores, entre outros fatores. Na escola particular parte dessas dificuldades podem ser amenizadas devido estarem em uma situação social completamente diferente, contudo ainda é visto dificuldades principalmente devido a

falta de interesse dos alunos pela Geografia. Com isso, o professor está sempre modificando suas metodologias para que possa de alguma forma atrair a atenção dos alunos e o interesse pelos conteúdos propostos.

Acerca do interesse dos alunos pelo estudo da geografia por parte dos alunos as professoras relataram que:

Você encontra alguns que gostam bastante, no começo do ano nós fazemos um bate-papo com eles. Na parte do livro didático que fala das diferentes profissões, de como o trabalho influencia na transformação do espaço geográfico, eu peço para eles fazerem entrevistas com a família de como é o trabalho, e quando vamos discutir eu os pergunto o que eles pensam de profissão, nessa idade. Me surpreendi ano passado quando vários falaram que queriam ser professores de Geografia, que gostavam muito. Alguns gostam e outros odeiam.

O fato disso é que acaba influenciado no seu processo de aprendizagem porque quando o aluno não gosta ele acaba colocando uma “barreira”, “eu não gosto disso”, “eu não aprendo isso”, “não vou conseguir” (ROCHA, 2017).

Ainda há muita distorção sobre o conteúdo de geografia, sobre o que estudar a geografia principalmente com os alunos do noturno, eles tem mais dificuldades e a gente tenta melhorar isso. No primeiro ano do ensino médio que trabalhamos Geografia física os alunos tem a visão que a Geografia é somente isso, a natureza, no segundo ano quando inserimos a geografia política uma boa parte dos alunos não gosta da discursão mais social, já no terceiro ano que trata a respeito do Brasil traz muitas discursões de temas relacionados ao Brasil e eles visualizam mais fáceis (FARIAS, 2017).

Com a variedade de personalidades e gostos de cada aluno em cada turma, é possível também encontrar alunos que se identificam com a Geografia e que promovem uma relação com a disciplina muito melhor devido ao interesse do conteúdo. É visto que, muitos alunos pensam que a Geografia é apenas mapas, outros pensam que é apenas relevo, enfim quando começam a se aprofundar nos conteúdos percebem que a Geografia é de tudo um pouco o que pode favorecer no despertamento de interesses de alunos que até então não se interessavam pela disciplina, pensando que é apenas isso ou aquilo. Com essa experiência de descobrir novos caminhos que a Geografia possibilita o aluno pode demonstrar interesse em descobrir e aprender mais, isso é claro vai depender das metodologias utilizadas e dos incentivos.

Com isso, é percebido que em ambos ambientes escolares, seja público ou privado são compostos por alunos que demonstram interesse ou não pela Geografia, tudo isso poder variar conforme as condições de incentivo, com a vivência e do histórico de aprendizado de cada

aluno. Com a intermediação os professores podem incentivar, adaptar as metodologias e recursos disponíveis para que os alunos comecem a ver a Geografia com outros olhos e perceber sua importância para a sociedade, esse processo não é simples e depende de inúmeros fatores, mas como foram vistos os profissionais da educação estão sempre em busca desta conquista.

### Considerações e preposições

Com todas as informações coletadas, analisadas e discutidas e também com o tempo dedicado que as professoras proporcionaram para o desenvolvimento pesquisa e com todo o embasamento teórico sobre o ensino-aprendizagem da Geografia e com os aspectos físicos das unidades escolares com suas diferenças e semelhanças, sendo a realidade dessas escolas semelhantes às realidades de várias outras escolas de nosso país, foi identificado que realmente existe uma dicotomia entre o ensino público e o privado, como nós sempre ouvimos falar, nas vertentes teóricas, estruturais, organizacionais.

Ainda foi possível perceber que as docentes praticam realmente as metodologias ativas, pois é de extrema importância o professor relevar o conhecimento que o aluno traz tanto do seu cotidiano, das suas vivências, dos anos anteriores na escola, relacionando com os conteúdos e práticas escolares.

São fundamentais os estudos das práticas escolares para que possa proporcionar no desenvolvimento de discussões a respeito do tema proposto. Visto que é uma realidade do Brasil e que é necessário promover diferentes debates e associa-los com as realidades escolares vivenciadas por diversos alunos e professores de diferentes setores que procuram desenvolver um ensino de qualidade.

### Referências

CAMPOS, Ana Cristina. **Ensino básico tem 73,5% dos alunos em escolas públicas, diz IBGE.** Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-12/ensino-basico-tem-735-dos-alunos-em-escolas-publicas-diz-ibge%3famp>>. Acesso em: 05 mar 2021.



CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas.** In: **Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais.** Belo Horizonte, 2010.

FARIAS, Valdelice de Jesus. **Entrevista concedida a Lucas Andrade de Araújo.** Poções, 8 set. 2017.

NUNES, Flaviana Gasparotti, (Organizadora). **Ensino de Geografia: Novos Olhares e Práticas.** Dourados; UFGD, 2011.

ROCHA, Jussara Meira. **Entrevista concedida a Lucas Andrade de Araújo.** Poções, 5 set. 2017.

SCHIRMANN, Jeisy Keli; MIRANDA, Neiva Guimarães; GOMES, Valdilea Fabricio; ZARTH, Evani Luiza Fiori. **Fases de Desenvolvimento Humano Segundo Jean Piaget.** In: VI CONEDU VI Congresso Nacional de Educação. Fortaleza, 2019.

SILVA, Rafael Gomes; AMORIM, Háila Cunha; RIBEIRO, Sidney Lauton; BARROS, Vírnia Santos. **A Valorização do Magistério: Formação Inicial e Continuada no Centro Integrado de Educação Navarro de Brito em Vitória da Conquista-BA.** VII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional. Vitória da Conquista. Vol. 7, Nº 7, p. 1608-1618, maio, 2019.

#### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

##### **Lucas Andrade de Araújo**

Graduado em Licenciatura Plena em Geografia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Pós-graduando em Geografia e Meio Ambiente/Faveni. E-mail: lucasandradearaujo@hotmail.com

##### **Rafael Gomes Silva**

Graduando em Licenciatura Plena em Geografia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Estagiário no Laboratório de Ensino de Geografia da UESB - Brasil; Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Curriculares e Educativas/Ppged/Uesb; Bolsista de monitoria de disciplina. E-mail: rafaellcorreios@gmail.com